

# Coveiros da Gramática

“Nós pega o peixe”, “Os menino pega o peixe”, “Os livro”, defende professora em livro distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD-EJA) a 484.195 alunos de 4.236 escolas.

A autora argumenta da seguinte maneira: “O importante é chamar a atenção para o fato de que a ideia de correto e incorreto no uso da língua deve ser substituída pela ideia de uso da língua adequado e inadequado, dependendo da situação comunicativa” (*O Estado de S. Paulo*, 13 de maio de 2011, p. A21).

Ou seja, para a autora, a frase “Menas ideologia os brasileiro precisa” pode ser adequada, dependendo da situação.

É difícil imaginar quando tal construção seria, de fato, aceitável. Mas vamos tentar. Talvez em casa, com os filhos menores? Não, pois amanhã serão adultos, membros do Estado, que impõe regras para disciplinar a vida entre as pessoas, sem as quais não há ordem nem deveres cívicos. Ora, sendo a gramática regras de Português, falar corretamente é dever cívico e adequado. Portanto, “menas ideologia” não se deve falar com os filhos.

Seria adequado na sala de aula? Também não, pois o Estado zela pela ordem e não agiria contra si próprio, complacente com o não cumprimento das regras, no caso, as de gramática.

Talvez, então, no trabalho, na padaria, nas rodinhas de bar, onde é adequado descumprir as regras?

A resposta, cada um terá a sua. Uns dirão: “Nunca, esforcemo-nos para sempre agir corretamente”; outros, como a autora do citado livro, defenderão o uso conforme a situação. Mas um fato é certo: nenhum professor, com letra maiúscula, se largará ao derrotismo ante o avolumamento da ignorância de seus alunos, a destruir a gramática do nosso idioma. Esses que defendem erros e mais erros — os mesmos com que falam os analfabetos — estão a atestar a desnecessidade de si mesmos, a inutilidade de escolas e de cursos, de aulas e de livros que ensinam a estrutura do idioma, cuja conduta autofágica nos leva a duvidar do seu bom senso, de sua inteireza social, da sua capacidade de lecionar o idioma pátrio.

O filólogo Napoleão Mendes de Almeida ponderava que coveiros da gramática podem atrair a simpatia de muitos, “para acobertar a própria incapacidade didática, quando não para ministrar aulas e tomar a lição dos alunos”. E arrematava afirmando que professor de língua pátria é médico, é sanitarista, não agente obituário.

“Nós pega o peixe”, “Os livro” e “Os menino pega o peixe”, a constar como conteúdo de livro didático oficialmente distribuído pelo Governo Federal, é crime de lesa-pátria, é relaxamento para com os membros da Nação, instando-os à leniência com regras, e dói nos ouvidos.

**Guido Arturo Palomba**  
*Médico e membro da Academia Cristã de Letras*